



FÁBIO MAGALHÃES

GUERRA DO SOLDADO SEM RAZÃO



**“Quando morre um homem,
morremos todos, pois somos
parte da humanidade.”**

John Donne

Abertura

30 de julho de 2024
terça-feira, às 18h

Exposição

Até 06 de setembro de 2024
no Museu de Arte da Bahia



Realização:

**PAULO
DARZÉ**
G A L E R I A

FÁBIO MAGALHÃES

GUERRA DO SOLDADO SEM RAZÃO





Houve alguma época duradoura na história em que a vida decorresse pacificamente entre os homens? Os rumos do início deste século demonstram que a terrível realidade dos conflitos segue entre nós, eles assumem novas táticas e formas de existir. Contudo, a essência permanece, o mesmo confronto organizado que almeja a destruição, que coloca em lados opostos seres humanos com os mesmos anseios e valores. Isso nos leva a outra questão: seria a guerra uma condição intrínseca do ímpeto humano? Para o bem ou para o mal, para fins nobres ou desprezíveis, o fato é que a guerra é uma criação humana, e podemos ligá-la à nossa suposta natureza de destruir, corromper, agir com violência diante da não aceitação do outro e do que é diferente de nós.

Das pulsões provocadas pelas ações do poder sobre o humano, a exposição *Guerra do soldado sem razão* é composta por 17 obras, entre pinturas a óleo e esculturas. Nela proponho discutir as condições psíquicas às quais somos sujeitados em vários momentos de nossa existência. Assim, essa mostra instaura um jogo entre os significados do poder, estabelecidos pelas hierarquias e pelo Ser. Nas obras que compõem a série, crio a partir de um repertório lúdico, em que escolho elementos que atravessam a inocência e introjetam o desejo de destruição. Vidas humanas tornam-se brinquedos nas mãos daqueles que são considerado senhores da guerra.

Nas telas, soldadinhos vagam numa espécie de limbo branco, num combate em que não

se vê ou sequer se sabe quem são os inimigos. Imersos em trincheiras em carne viva, esses relevos se revelam na própria natureza da pintura. Abrem-se veias, fraturas e delírios, o sangue parece não estancar, o caos congela perante nossos olhos, confinado em cores entranhadas nas pinturas. Aqui a perda da razão se instala, a pulsão de ódio se eleva e coloca o indivíduo em situações degradantes, obrigando-o a matar ou morrer, algo que, a princípio, não deseja fazer. A guerra destrói preciosos valores materiais, produtos do trabalho humano, seguindo a sanha extrema na completa aniquilação de todas as coisas e do outro.

100 soldados, sem cabeça e sem razão

Escultura / chumbo e granito /

13 x 50 x 50 cm / 2023



O conjunto de esculturas da série evidencia como o autoritarismo e as forças opressoras exercem um impacto profundo sobre o sujeito e suas subjetividades. Quando um sistema autoritário prevalece, as liberdades individuais são restringidas e a autonomia é suprimida. O sujeito encontra-se refém de vontades e imposições de um poder dominante, que busca controlar e moldar sua identidade e seu pensamento, transformando-o em um soldado/marionete aparelhado para dizer sim. Desse modo, as obras são carregadas de ironias e suscitam no observador reflexão e reconhecimento da própria subjetividade, além da luta pela sua autonomia, em que o indivíduo pode contribuir para a transformação social e para a construção de um mundo onde todas as pessoas sejam valorizadas em sua plena consciência de humanidade.

Neste momento, todas as questões se colocam em suspensão, pois é difícil não pensar em um futuro pessimista para a relação entre a humanidade e as guerras. Neste cenário em que a natureza humana e o medo imperam, as desilusões nos atormentam. A guerra parece tornar-se algo inevitável, mas temos os meios de combater nossas contradições e desigualdades, basta percebermos que temos em nossas mãos a escolha entre o que somos e o que poderemos nos tornar. É preciso estar atento aos desvios da história, atualmente tão conturbada pelo distanciamento do que nos torna humanos.

Fábio Magalhães



O monumento

Escultura / chumbo e granito

35 x 24 x 24 cm / 2023



Vencedores e vencidos

Escultura / chumbo e mármore

22 x 32 x 24 cm / 2023





Catarse Bárbara

Óleo sobre tela /

75 x 115 cm /

2021

Guerra do soldado sem razão

Thais Darzé, curadora

Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas [...].

fala de Bolsonaro na
revista *Isto É*, 2020¹

¹ Enunciado proferido pelo então presidente Jair Bolsonaro, em 10 de novembro de 2020, no Palácio do Planalto, durante evento com empresários do setor de turismo.

No início de 2021, enquanto o mundo enfrentava a pandemia da covid-19, no Brasil, que se encontrava no meio do mandato do então presidente da república Jair Bolsonaro, não apenas a saúde, mas também a democracia estava em risco. Um pouco antes disso, Fábio Magalhães se debruçava sobre *Escritos sobre a guerra e a morte*, de Sigmund Freud. É esse cenário que funciona como gatilho para a série de pinturas e objetos do artista intitulada *Guerra do soldado sem razão*.

Um gatilho emocional é uma situação que “dispara um trauma” em um indivíduo, entendendo que nossos processos mentais acontecem de forma encadeada, ou seja, nenhum pensamento, sentido ou lembrança acontece isoladamente ou por acaso, tampouco surge do nada. Ainda que algumas sensações aparentem certa espontaneidade, existem elos ocultos que conectam esses eventos mentais a outros anteriores, em uma sequência contínua de pensamentos e emoções.

O mesmo ocorre com o corpo da obra de Magalhães. Em seus trabalhos, é possível observar a construção de um realismo ficcional a partir de pulsões das condições psíquicas, em uma estrutura conceitual arquitetada pelo artista ao longo dos anos em diálogo com sua pesquisa plástico-visual. Contudo, apesar dessa pesquisa cuidadosa, o artista afirma: “minha arte não é uma ilustração de teoria, e nem deve ser; a teoria é apenas a semente fértil”.

Fato é que tal cenário, de um país polarizado, regido por um discurso de ódio, sob um governo autoritário e cujos cidadãos enfrentam a eminente

possibilidade de ter a vida ceifada, ou a de seus entes queridos, levou Fábio a visitar e articular uma série que metaforiza a pulsão de morte através da guerra. Porém, trata-se de uma guerra sem altas patentes, na qual há apenas soldados. Estes podem ser voluntários ou cooptados pelo serviço militar obrigatório, indivíduos no *front* de batalha que desconhecem a razão da defesa ou do ataque, desconhecem o território, a direção, as táticas e estratégias. Indivíduos desprovidos de consciência, arremessados no campo de batalha, como brinquedos, marionetes ou mesmo peões cegos em um tabuleiro invisível.

No conjunto de pinturas e esculturas de *Guerra do soldado sem razão*, o artista utiliza o brinquedo para representar o soldado, tensionando os conceitos de diversão, infância, violência, poder e morte. Os limites entre violência e infância são encurtados, deflagrando contornos sociais, de modo a definir quem pode brincar e viver, em oposição àqueles a quem essas ações são negadas. Também nos damos conta de que vivemos em um mundo que cultua a guerra e a violência, onde elementos bélicos são associados à diversão e infância numa perspectiva histórica, em que a inocência não é permitida.

O artista, ao resgatar brinquedos da própria infância, reaviva memórias lúdicas que ultrapassam as barreiras da brincadeira para tocar nas duras realidades da vida, criando um verniz imagético para suas obras.

A produção de Magalhães não opera por meio de mudanças bruscas ou grandes rupturas. Seu vocabulário imagético e o substrato conceitual de sua pesquisa preservam as estruturas desde as criações inaugurais do artista. Suas obras nascem de metáforas sobre as condições psíquicas humanas. Não permanecem na superfície. Nelas, diversas camadas da subjetividade do ser vão se sobrepondo até as profundezas das condições humanas, em que temporalidade e espacialidade são completamente ausentes. O cenário e o contexto histórico se localizam na superfície, enquanto o alicerce se encontra nas pulsões – nesse caso, na pulsão de morte.

Pulsão, instinto ou impulso fazem parte do “território” inconsciente, no qual habitam processos que não são acessíveis ao consciente de um indivíduo, segundo os conceitos freudianos básicos. Nesse sentido, vão parar no inconsciente, a parte mais recôndita e inacessível da mente, fatos que foram excluídos do consciente e que não podem ser lembrados, pois foram reprimidos ou censurados, e lembranças traumáticas que continuaram a influenciar a vida do indivíduo sem jamais ser lembrados.

Tanto a pulsão de vida quanto a de morte têm fontes de energia distintas. Freud denominou a libido como a fonte geradora da pulsão de vida, mas não denominou a fonte geradora da pulsão de morte. Seria a destruição essa força motriz de morte? Fábio elegeu a guerra como metáfora para traduzir a pulsão de morte em seu repertório. Existiria

força maior de autodestruição, em escalas humanitárias, do que a guerra?

“Soldado, onde está seu propósito?” é uma tela com fundo branco, sem horizonte ou qualquer referência espacial, apenas uma suave sombra da figura de um soldadinho de brinquedo degolado, sua arma está apontada para baixo, em condição de vulnerabilidade. A cabeça do soldado degolado está posicionada logo à frente do corpo que permanece em pé, dando a impressão de uma recente decapitação. Nessa obra, não existe porção humana, não há sangue ou vísceras. Onde estaria o conflito então? O propósito do brinquedo não deveria ser brincar de matar? Ao mesmo tempo, o soldado possui uma arma de fogo nas mãos, mas parece ter sido morto por uma tecnologia rudimentar, como um facão. Conflitos insolúveis e antagonismos são recorrentes em suas obras.

Já em “Artilharia acéfala”, apesar de uma composição estética semelhante por conta da ausência de elementos espaciais e humanos, temos cinco soldados também decapitados enfileirados em posição de ataque, com armamentos de guerra. São objetos/brinquedos sem vida e armados para matar, ou seria para morrer? A ausência das cabeças sugere uma perda de consciência, em que indivíduos se tornam brinquedos/marionetes de máquinas de guerra, seja nos conflitos individuais ou nos grandes conflitos impostos pela sociedade. Nós nos tornamos seres que reagem sem razão e que pouco conhecem a si mesmos e aos próprios propósitos.

Aos poucos, as porções humanas, através da presença do sangue e das vísceras, vão emergindo nas pinturas. Em "Soldado, aonde está seu inimigo?", os três soldados têm a cabeça/consciência preservada, mas ainda assim permanecem num estado de desnortamento quanto ao campo de batalha. Parecem atacar as porções de carne, as vísceras. Mas de quem são essas vísceras? Não seria um ataque ao próprio eu? A consciência não é suficiente, consegue acessar seu inconsciente?

Um ponto a ser notado é que os títulos de muitos dos trabalhos dessa série são questionamentos e interrogações. Essa atitude reforça de forma ainda mais explícita o fato de que a obra de Fábio não se propõe a apresentar respostas, mas está ligada a dúvidas, tensões e até mesmo contradições.

Em "Soldado, a quem tu pedes ajuda?", a presença de carne viva toma conta da pintura, cobrindo quase todo o campo de fundo do trabalho. No primeiro plano, o soldado/brinquedo aparece agora desarmado e com um telefone ao ouvido. Um pedido de reforço no *front* é sugerido no título da obra; contudo, a presença da interrogação nos faz perceber a desorientação do combatente. Estaria ele pedindo ajuda aos aliados ou aos inimigos? Essa pergunta reforça a ideia de falta de sentido nos conflitos e, principalmente, nos leva a refletir sobre quem de fato controla uma guerra e se beneficia dela. Será que temos consciência de quais conflitos devemos enfrentar?

Uma das esculturas mais intrigantes é "O monumento": o mesmo personagem (soldado/brinquedo)

se repete em todas as obras da série. Nesta, ele encontra-se em um pedestal de mármore preto; a figura bate continência, mas tem a própria cabeça embaixo de um dos seus pés. Porém, monumentos são esculturas ou estruturas arquitetônicas destinadas a perpetuar a memória de um grande feito ou personagem. Dessa forma, como um mísero soldado sem consciência seria digno de um monumento? Os “Senhores da Guerra” não sujam suas mãos e nem perdem suas cabeças, mas são eles que são imortalizados através da preservação de suas memórias.

“Ode à barbárie” é outro objeto que compõe a série: um dos soldadinhos de chumbo conquista o topo de um monte de vísceras e, com ares de vencedor, ergue uma bandeira para demarcar o território. O título tem um tom de ironia, fazendo exaltação à barbárie. A carnificina, o massacre, a guerra no contexto contemporâneo são associados a processos não civilizatórios. Entretanto, o mundo hoje enfrenta dois grandes conflitos: as guerras na Ucrânia e em Israel. Seria essa, então, uma confirmação da teoria freudiana de que o conflito e a guerra são ímpetos da condição humana? Seria a guerra uma necessidade humana de auto-destruição e autorregulação?

Guerra do soldado sem razão nos leva a refletir sobre como a pulsão de vida e a pulsão de morte são interdependentes e precisam coexistir no ser para que se tenha uma vida em equilíbrio. Um indivíduo que tem apenas a pulsão de vida em funcionamento seria um indivíduo saudável? O excesso

de libido certamente o levaria a uma disfunção. Portanto, é preciso compreender vida e morte como energias complementares e inseparáveis no ato de existir.



Artilharia acéfala

Óleo sobre tela / 60 x 200 cm / 2021



Catarse Bárbara II

Óleo sobre tela / 65 x 145 cm / 2021



Soldado, onde está seu propósito?
Óleo sobre tela / 150 x 150 cm / 2021



Ode à barbárie

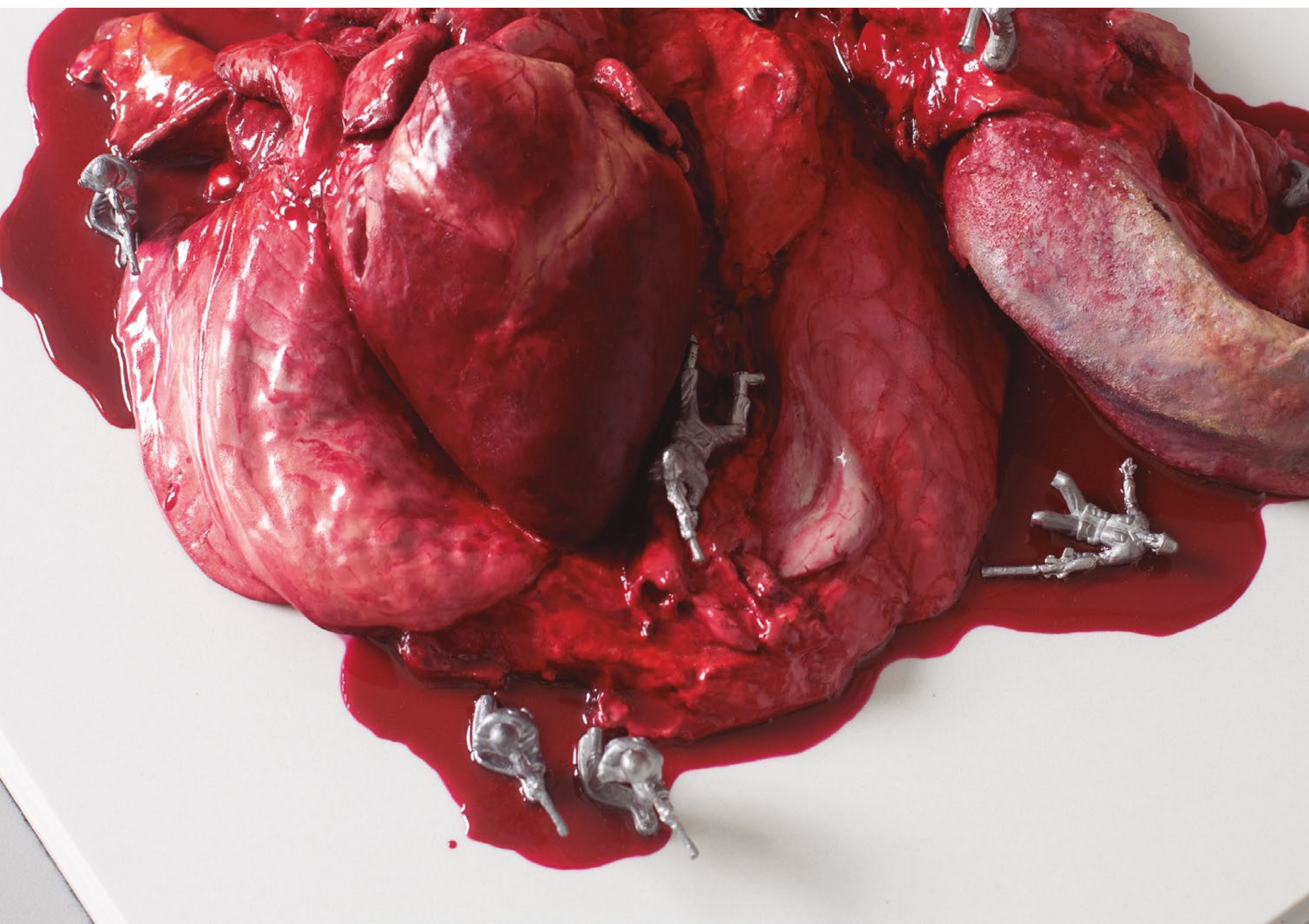
Escultura / óleo sobre resina, chumbo e
mármore

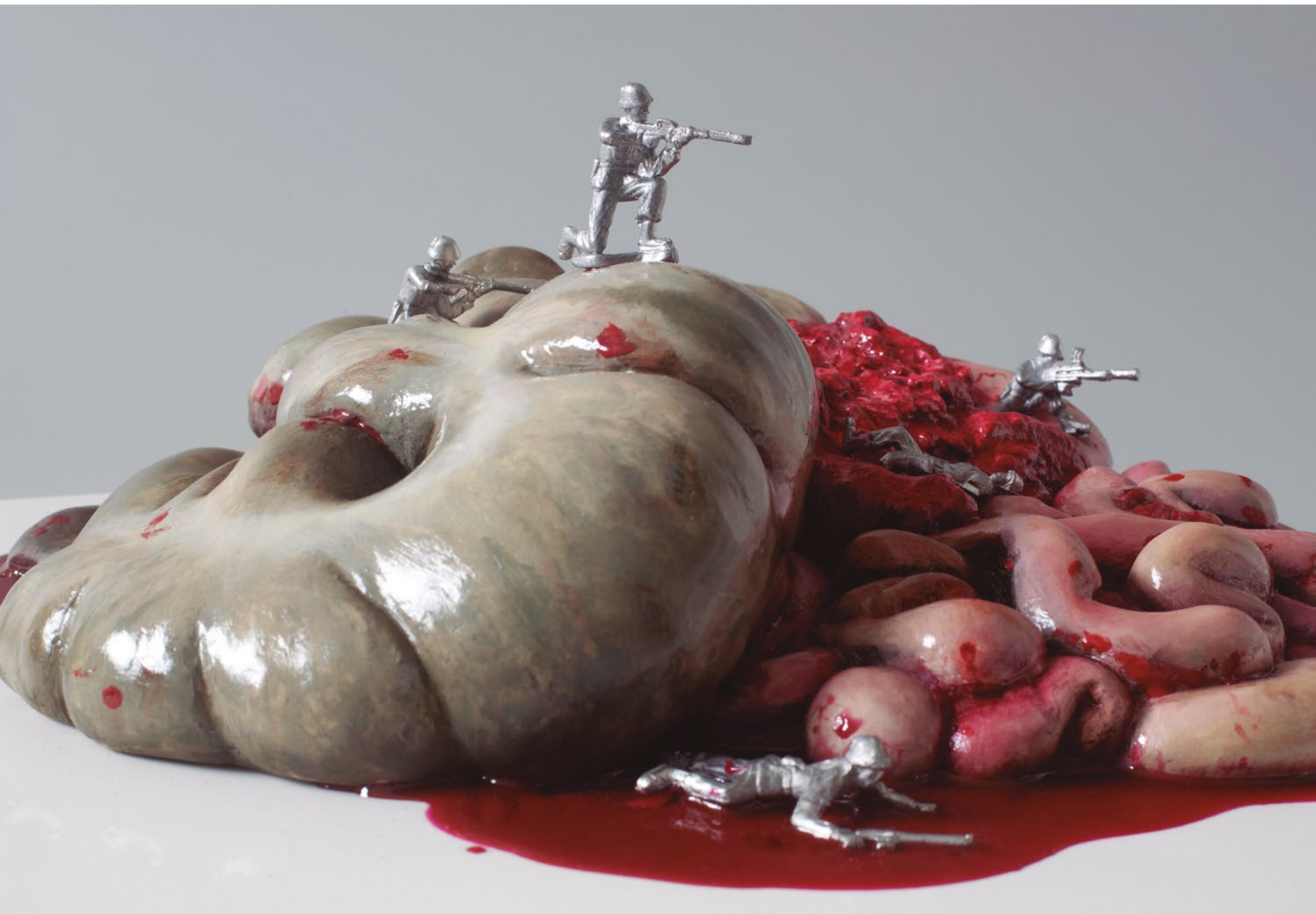
21 x 50 x 50 cm / 2023

Ode à barbárie IV

Escultura / óleo sobre resina, chumbo e mármore

21 x 50 x 50 cm / 2023



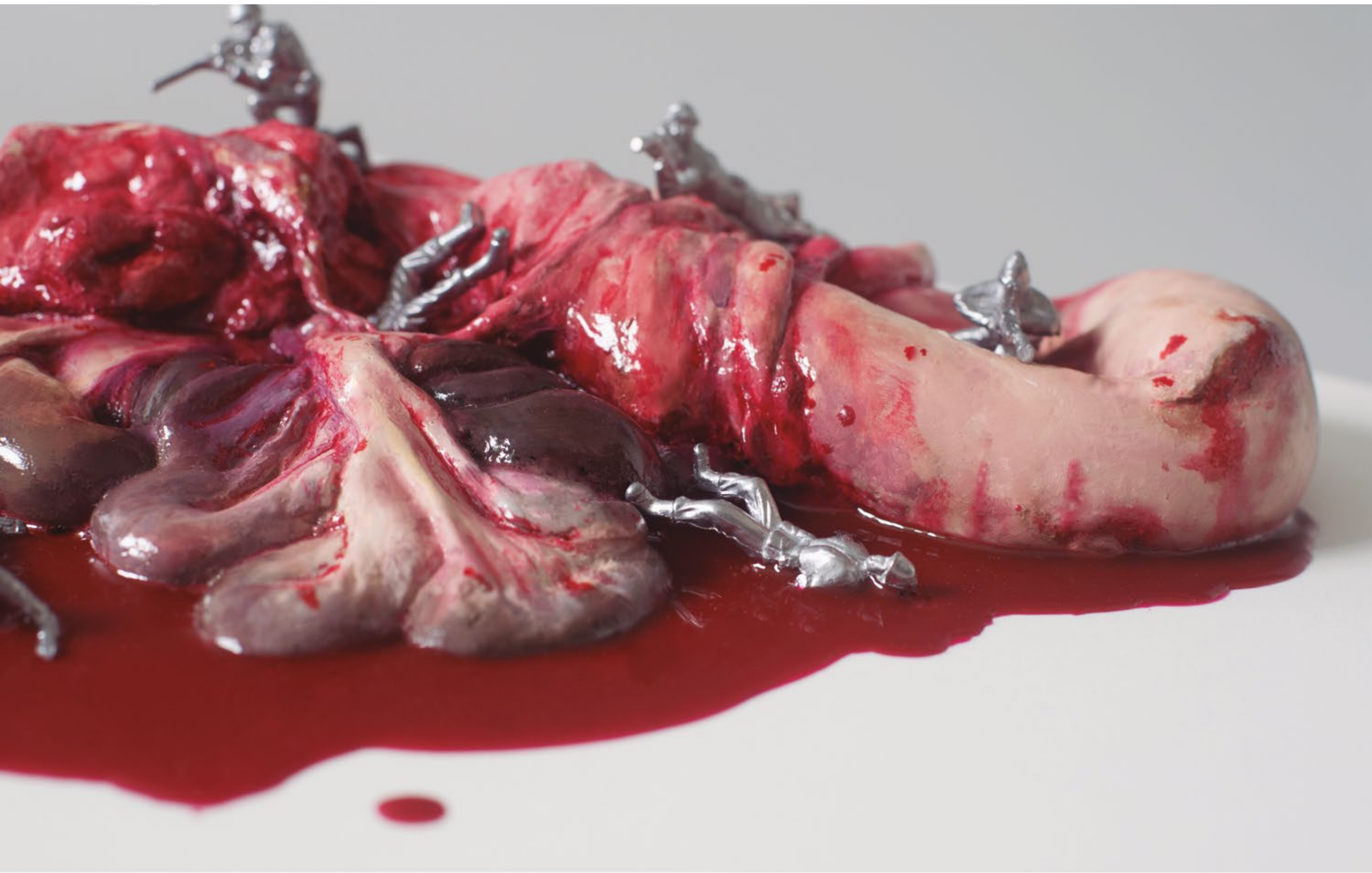


Ode à barbárie II

Escultura / óleo sobre resina,
chumbo e mármore /
21 x 50 x 50 cm / 2023

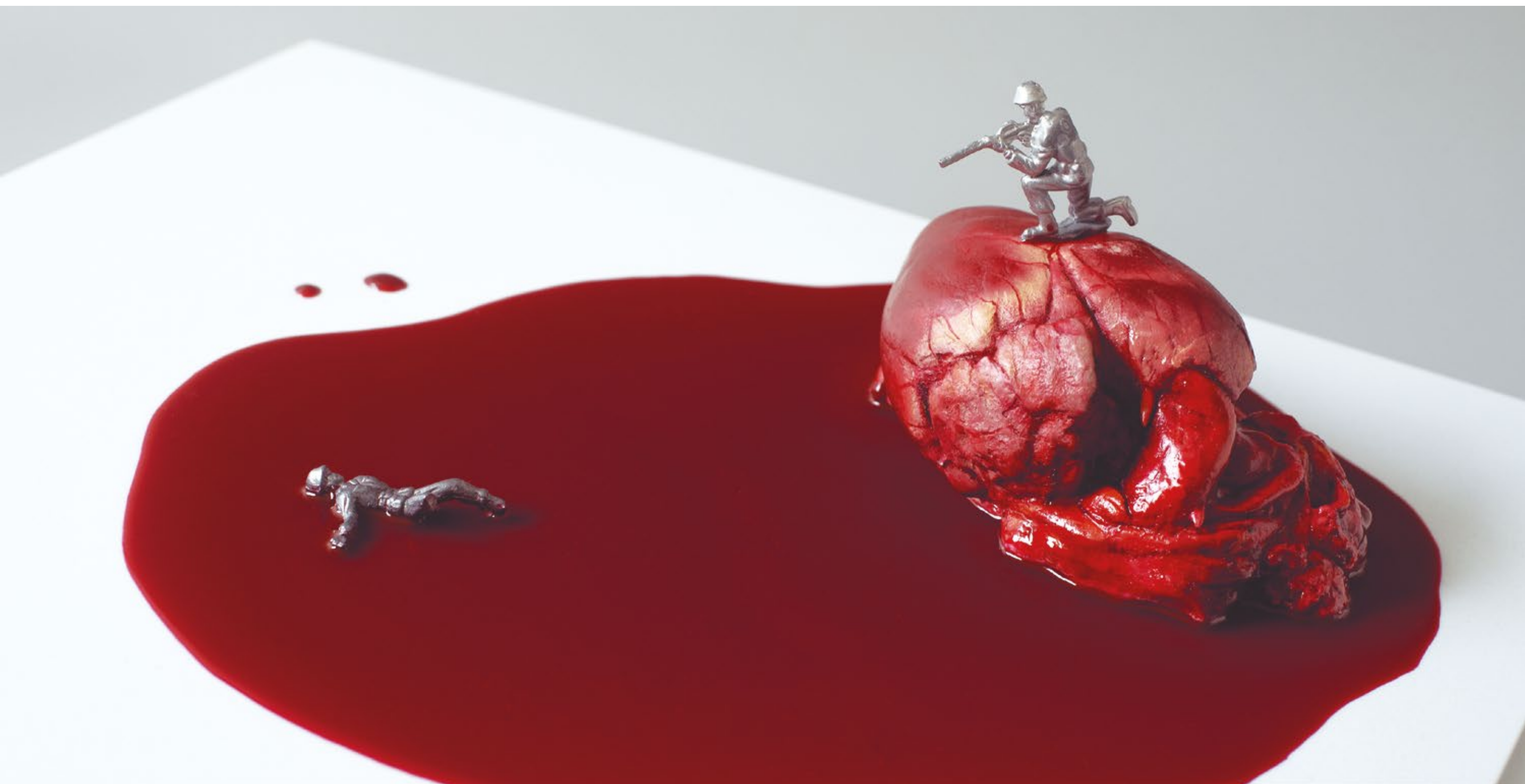
Ode à barbárie III

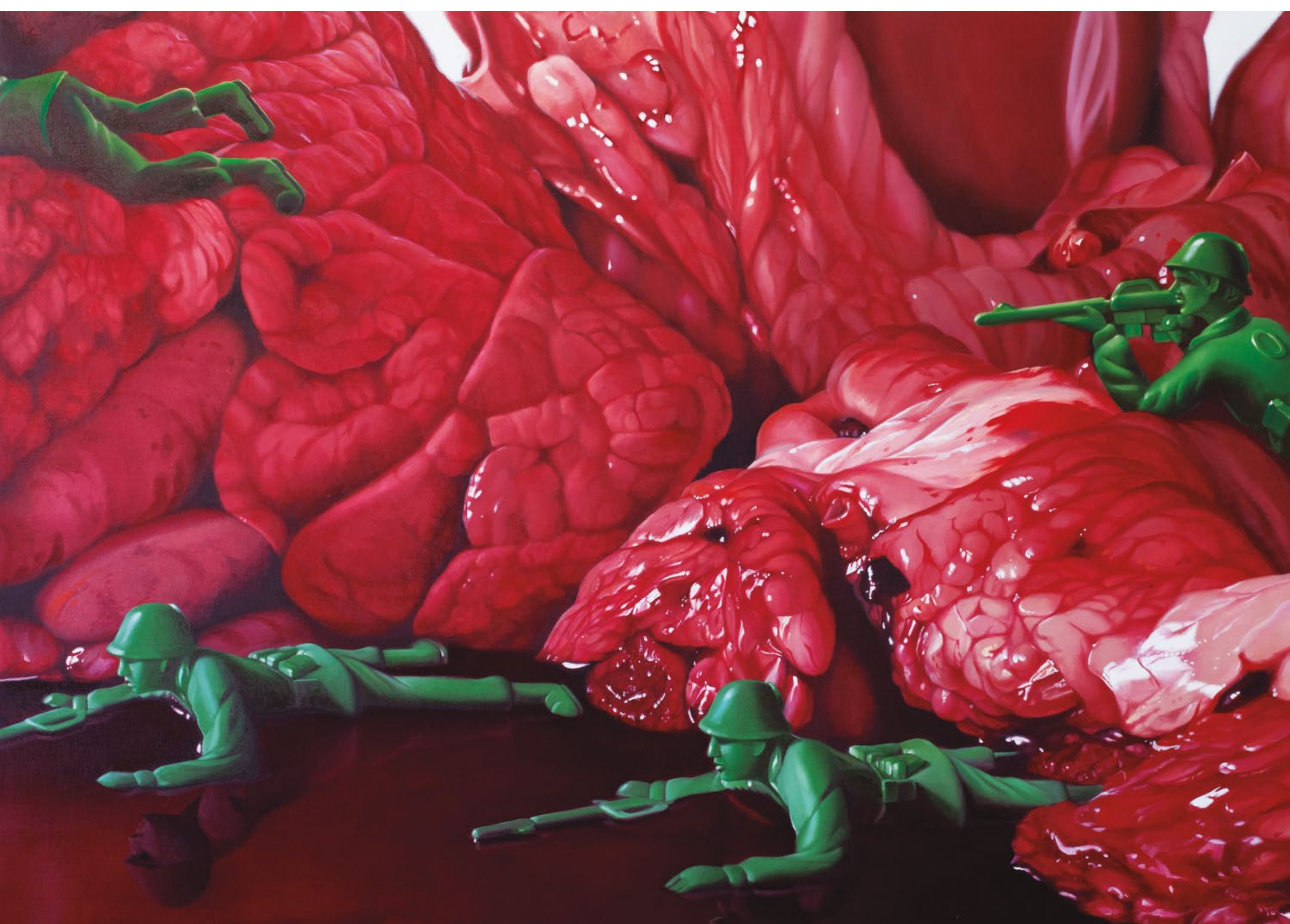
Escultura / óleo sobre resina, chumbo e mármore / 21 x 50 x 50 cm / 2023



Terra que ninguém pisa

Escultura / óleo sobre resina, chumbo e mármore / 21 x 50 x 50 cm / 2023





Trincheiras IV
Óleo sobre tela
90 x 120 cm / 2020



Soldado, a quem tu pedes ajuda?

Óleo sobre tela / 90 x 120 cm / 2021



Trincheiras II

Óleo sobre tela / 110 x 140 cm / 2021



Soldado, aonde está seu inimigo?
Óleo sobre tela / 110 x 140 cm / 2021



Glórias são feitas de sangue?

Óleo sobre tela / 150 x 150 cm / 2021

FÁBIO MAGALHÃES

(Tanque Novo/BA, 1982)

Vive e trabalha em Salvador/BA.

Constrói sua poética a partir de investigações relacionadas às condições humanas, pontos de partida para a criação de metáforas visuais em imagens, objetos e instalações. Seu pensamento artístico está sempre em contato com a pintura, mesmo ao produzir trabalhos tridimensionais. A obra de Fábio causa fascínio e repulsa, jamais indiferença, sendo resultado de um complexo processo de concepção e efetivação até chegar ao produto. O artista elabora encenações meticulosamente planejadas, capazes de ampliar os limites da percepção e gerir inquietações sobre a realidade. Por meio de um conjunto de operações conceituais, históricas e processuais da arte, Fábio desafia o habitual em busca de iluminar uma consciência adormecida no humano.

Ao longo de sua carreira, o artista realizou uma série de exposições individuais, a primeira delas em 2008, na Galeria de Arte da Aliança Francesa, em Salvador (BA). A essa mostra inicial, seguiram-se as individuais *Jogos de significados*, 2009 (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *O grande corpo*, 2011, Prêmio Matilde Mattos/FUNCEB (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *Retratos íntimos*, 2013 (Galeria Laura Marsiaj, Rio de Janeiro/RJ); *Além do visível, aquém do intangível*, 2016, curadoria de Alejandra Muñoz (Museu



de Arte da Bahia, Salvador/BA), que realizou itinerância na Caixa Cultural de São Paulo (2017) e de Brasília (2018); e *Espectador da vida*, 2019, curadoria de Thais Darzé (Paulo Darzé Galeria, Salvador/BA).

Em 2010, obteve o Prêmio Aquisição e o Prêmio Júri Popular no I Salão Semear de Arte Contemporânea (Aracaju/SE) e o Prêmio Fundação Cultural do Estado (Vitória da Conquista/BA). Em 2011, recebeu o Prêmio FUNARTE Arte Contemporânea/Sala Nordeste. Foi selecionado para o Rumos Itaú Cultural 2011/2013. Em 2015, foi indicado ao Prêmio PIPA (MAM, Rio de Janeiro/RJ).

Sua obra também integrou exposições coletivas, entre as quais destacam-se o XV Salão da Bahia, 2008 (MAM, Salvador/BA); o 60º Salão de Abril, 2009 (Fortaleza/CE); o 63º Salão Paranaense, 2009 (Curitiba/PR); *Convite à viagem – Rumos Artes Visuais 2011/2013, 2012* (Itaú Cultural, São Paulo/SP), curadoria de Agnaldo Farias; *O fio do abismo – Rumos Artes Visuais, 2011/2013, 2012* (Belém/PA), curadoria de Gabriela Motta; *Territórios, 2012* (Sala FUNARTE/Nordeste, Recife/PE), curadoria de Bitu Cassundé; e *Espelho refletido, 2012* (Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ), curadoria de Marcus Lontra. Em 2013, participou de *Crê em fantasmas: territórios da pintura contemporânea* (Caixa Cultural, Brasília/DF), curadoria de Marcelo Campos. Participou ainda da coletiva *Contraponto – Coleção Sérgio Carvalho, 2017* (Museu Nacional de Brasília/DF) e de *50 anos de realismo: do fotorrealismo à realidade virtual, 2018-2019*, exposição itinerante curada por Tereza de Arruda (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo/SP, Brasília/DF e Rio de Janeiro/RJ).



Copyright © 2024. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução sem a devida autorização.
Exposição realizada em julho de 2024.

Fábio Magalhães

afabiocm@hotmail.com | fabiomagalhaes.com.br

Organização

Thais Darzé

Paulo Darzé

Produção executiva

Cica Lima

Patricia Ribeiro

Texto e curadoria

Thais Darzé

Projeto gráfico e diagramação do catálogo

P55 Edição

Assessoria de comunicação

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA • CEP 40081-310
71 3267-0930 • 99918-6205 • paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br
@paulodarzegaleria



PAULO
DARZÉ
GALERIA